



POR QUE SERÁ QUE ESTAMOS AFUNDADOS EM EXCESSOS E EXAGEROS AO INVÉS DE CULTIVARMOS O BOM SENSO E A JUSTA MEDIDA?



PARA O HISTORIADOR JOSÉ MURILO DE CARVALHO, PRÁTICAS PATRIMONIALISTAS, CLIENTELISTAS, NEPOTISTAS EXISTEM DESDE A ÉPOCA DE D. PEDRO I.



SEGUNDO O ECONOMISTA MARCOS FERNANDES GONÇALVES DA SILVA, A QUALIDADE DO JOGO POLÍTICO DEPENDE DA QUALIDADE DOS JOGADORES E DA QUALIDADE DAS REGRAS DO JOGO.



NA VISÃO DA PSICÓLOGA SOCIAL SANDRA JOVCHELOVITCH, EXISTE NO BRASIL UMA MISTURA DE IMPUNIDADE E IDENTIFICAÇÃO, UMA CERTA CONVÊNÇÃO COM A CORRUPÇÃO.



**EXCESSOS X JUSTA MEDIDA** Diz o dito popular que: “pobre, quando vê muita esmola, desconfia”. Sabedoria de gente simples, mas que revela bom senso e encarna a ideia de que até com a sorte é preciso ter um certo cuidado. Em artigo publicado no jornal O Globo, o jornalista Luiz Paulo Horta chama a atenção para a “*hubris*”, palavra de origem grega, que significa falta de medida, exagero, excesso. Traduz um estado de espírito em que a pessoa se sente maior e melhor do que realmente é. Segundo o jornalista, os gregos tinham horror a “*hubris*” e, por isso, fundaram sua civilização no ideal de justa medida. O contraponto de “*hubris*” era Nêmesis, deusa incumbida de coibir os excessos. Luiz Paulo sugere que os políticos deveriam prestar mais atenção a Nêmesis e lembrar que sorte demais deve ser vista como uma advertência.

**EXAGEROS** No Brasil recente, observa-se uma propagação de “*hubris*” e uma grande ausência de Nêmesis. Porque será que, estamos afundados em excessos e exageros ao invés de cultivarmos o bom senso e a justa medida? Para o historiador José Murilo de Carvalho, práticas patrimonialistas, clientelistas, nepotistas existem desde a época de D. Pedro I. A diferença, segundo Carvalho, é que o Imperador foi educado no sentido de combatê-las e governou em permanente conflito com seus ministros, quando o assunto era nomeações e demissões.

**MÁ CONDUTA** José Murilo diz ainda que “(...) sempre houve negócios escusos, compra de votos, subornos, troca de favores.” Contudo, ele afirma não se lembrar de “(...) algo sistemático e generalizado como o que tem havido ultimamente, envolvendo os principais partidos, ministros, governadores, secretários, congressistas e empresários”. Na sua visão, “(...) esta é uma inovação na nossa história”. Segundo o economista Marcos Fernandes Gonçalves da Silva, da FGV, a qualidade do jogo político depende da qualidade dos jogadores e da qualidade das regras do jogo. Para Fernandes, “(...) no Brasil não há lei, e os incentivos, no jargão dos economistas, são “tortos”: levam a uma má conduta... O problema aqui não são os governos: a corrupção é relacionada com a estrutura do Estado – os governos são cooptados por máquinas políticas do próprio Estado”. Ele conclui que “(...) não existe problema nas pessoas, mas, sim, nas regras que as norteiam”.

**CORRUPÇÃO SISTÊMICA** Em entrevista à Folha de S. Paulo, a psicóloga social Sandra Jovchelovitch, da *London School of Economics*, afirma que “(...) a corrupção no Brasil é um problema sistêmico...” Ela se alicerça em avatares muito profundos da nossa cultura, o que explica a recorrência dos escândalos e a nossa incapacidade histórica de lidar institucionalmente com eles. Sandra vai mais longe e diz que “(...) isso está vinculado a uma autodeterminação do brasileiro de que nós somos um povo corrupto, de que a corrupção está na constituição do nosso corpo político e social”.

**PÚBLICO X PRIVADO** A psicóloga social afirma ainda que “(...) existe uma simetria no comportamento que nós encontramos no cotidiano da população com o comportamento que encontramos na política... Essa simetria se fundamenta na interpretação do espaço público como um espaço de ninguém, ou, simplesmente, do outro... A própria política, como arena pública, se torna um espaço para o exercício do interesse privado... E como a esfera pública é desvalorizada, o ato de corromper se torna muito mais fácil”.

**NOVOS PROCEDIMENTOS** Para Sandra Jovchelovitch, existe no Brasil uma mistura de impunidade e identificação, uma certa conviência com a corrupção. Ela conclui que “(...) a punição no Brasil não é limitrofe, porque ela permite o retorno, como ocorreu com Collor”. Quando perguntada sobre a possibilidade de purificar o sangue corrupto, Sandra nos ensina que a corrupção é um erro humano. Segundo a psicóloga, “(...) o que podemos fazer é construir procedimentos na esfera pública desenhada para lidar com situações de risco”.

**PONTOS NEVRÁLGICOS** Para o economista Marcos Fernando Gonçalves da Silva, “(...) no Brasil, tanto no nível da baixa burocracia como na alta, não há distinção clara entre a gestão do Estado para a sociedade e sua gestão para algumas corporações de funcionários públicos, agregados e políticos... Esses episódios têm algo em comum: a crença de que os sistemas de vigilância e punição são frágeis”. Esta visão é compartilhada pelo historiador José Murilo de Carvalho, para quem “(...) a reforma política não é o melhor método de eliminação dos mensalões... O método mais eficaz é o ataque frontal a pontos nevrálgicos da vida política, como o foro privilegiado e a imunidade parlamentar”.